

FILOLOGIA E HUMANIDADES DIGITAIS NA EDIÇÃO DE TEXTOS MODERNOS

PHILOLOGY AND DIGITAL HUMANITIES IN THE EDITING MODERN TEXTS

Débora de SOUZA¹

Rosa BORGES²

RESUMO: Pretendemos discutir acerca dos impactos epistemológicos e metodológicos proporcionados pelas Humanidades Digitais em práticas de edição e crítica filológica. O uso de recursos e programas informáticos viabiliza a construção de edições eletrônicas e arquivos hipertextuais, colocando em rede diversos documentos, material multimídia. Apresentamos, para reflexão, o arquivo hipertextual de parte da produção dramaturgical censurada de Nivalda Costa, elaborado conforme pressupostos da Filologia, em diálogo com a Arquivologia e a Informática, e procedimentos metodológicos da crítica textual. Essa plataforma propicia o conhecimento e o estudo de determinada autoria, obra e cultura, tendo reflexo nos processos de difusão e dispersão textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia. Humanidades Digitais. Texto teatral. Edições.

ABSTRACT: We aim to discuss the epistemological and methodological impacts provided by Digital Humanities in practices of editing and philological criticism. The use of computer resources and programs enables the construction of electronic editions and hypertext files, networking various documents, multimedia material. We present, for reflection, the hypertextual archive of a part of Nivalda Costa's censored dramaturgical production, elaborated according to the assumptions of Philology, in a dialogue with Archivology and Informatics, and methodological procedures of textual criticism. This platform provides the knowledge and study of a certain authorship, work and culture, reflecting on the processes of textual diffusion and dispersion.

KEYWORDS: Philology. Digital Humanities. Theatrical text. Editions.

Considerações iniciais

Na contemporaneidade, temos observado que as Humanidades Digitais têm afetado várias áreas do conhecimento, fazendo com que os saberes em diálogo como a Filologia, a Arquivologia e a Informática, por exemplo, na prática de resgate e edição

1. Doutora em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professora Assistente do Instituto de Letras da UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: deboras_23@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9441-392X>.

2. Professora Titular do Instituto de Letras da UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: borgesrosa6@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6885-944X>.

de textos (documento-testemunho-monumento), ponham em circulação textos e obras, construindo, em Rede, um espaço de investigação, leitura e memória.

No terreno da Filologia editorial, novos modelos de edição hipertextuais e/ou hiperfídias, em suportes informáticos ou em Rede, são desenvolvidos, trazendo diferentes propostas editoriais que colocam em relação textos, paratextos e prototextos, documentos que se ligam ao texto editado, em um arquivo eletrônico, e que evidenciam as particularidades de sua forma de produção e transmissão nas edições realizadas.

Pretendemos, neste artigo, mostrar como as práticas de edição e crítica filológica foram afetadas pelas Humanidades Digitais, proporcionando, por meio da construção de um arquivo hipertextual (URBINA *et al.*, 2005) ou hiperedição (MCGANN, 1995), através dos documentos selecionados para estudo, o conhecimento sobre determinado autor/escritor/dramaturgo e sua obra, no caso específico, sobre Nivalda Costa (4 de maio de 1952 – 9 de julho de 2016) e sua produção dramaturgica, no cenário de uma ditadura militar na Bahia-Brasil.

Filologia, arquivologia e informática: saberes em diálogo para uma leitura crítica

Cerquiglino (2000), em *Une nouvelle philologie?*, discute acerca de um novo paradigma que se configura no âmbito dos estudos filológicos, consequência de mudanças ocorridas por meio da Nova Crítica, da Teoria literária e da Informática, que conduzem o filólogo a promover diálogos entre saberes, mobilizações conceituais e apropriações metodológicas no trabalho de edição de textos, de modo antes impensado. Em relação à Informática,

*[...] son action est triple. Elle nous fournit, tout d'abord, des instruments d'édition nouveaux (ordinateurs multimédias, réseau de l'internet, etc.); elle nous munit ensuite de concepts et d'idées (notion d'hypertexte, de texte malléable, de partage textuel) qui changent notre image du texte ; elle marque enfin, et surtout, la fin du monopole livresque comme support de l'écrit. Confronté à d'autres objets (écran, disquette), le philologue prend conscience de l'importance du support dans la constitution historique de la notion de texte [...]*³ (CERQUIGLINI, 2000, p. [4]).

Nesse paradigma, as noções de texto e de hipertexto digitais são reconfiguradas, assim como a de materialidade, e tem implicações nas práticas desenvolvidas pelos

3. Tradução nossa: “[...] sua ação é tripla. Ela nos fornece, em primeiro lugar, novas ferramentas de edição (computadores multimídia, rede de internet, etc.); em seguida, ela nos equipa com conceitos e ideias (noção de hipertexto, texto maleável, compartilhamento textual) que mudam nossa imagem do texto; finalmente, e acima de tudo, marca o fim do monopólio do livro como meio de escrita. Confrontado com outros objetos (tela, disquete), o filólogo toma consciência da importância do apoio na constituição histórica da noção de texto [...]” (CERQUIGLINI, 2000, p. [4]).

principais mediadores sociais, o autor, o editor e o leitor. O texto digital, relativo a documentos que já “[...] nascem em meio digital [...]” (CIRILLO, 2012, p. 156), é tomado por Paixão de Sousa (2013, p. 127), em termos computacionais, como texto “descorporificado”, fluido, propício a uma “representação ilimitada”. Entendemos “descorporificação” como possibilidade de pluralização de formas, de camadas e de meios de existência de um texto, na cultura digital, perspectiva muito distinta da vivenciada na tradição impressa, limitada ao suporte papel e ao espaçamento gráfico, e “representação” como produção de sentido, no que tange às distintas orientações de leitura passíveis de elaboração, atualização e difusão em meio eletrônico, as quais impactam outras leituras e outros sentidos.

Chartier (2002), no âmbito da História Cultural, afirma que a textualidade eletrônica redefine a materialidade do texto, altera as formas de construção dos discursos e as práticas de leitura e de construção do sentido, configurando-se novas formas de textualidade, virtuais, digitais e digitalizadas. Lourenço (2009), por sua vez, no lugar da crítica textual contemporânea, embasada em outros pesquisadores, afirma que “[s]ó aparentemente o meio electrónico é imaterial [...]” (LOURENÇO, 2009, p. 267):

[...] o meio digital reclama uma *materialidade fenomenológica*. Nele os documentos encontram-se apenas armazenados e sujeitos a uma mutação formal pela não coincidência entre a forma do *input* e do *output*, o que acentua a natureza material e construída do código. Face às diferenças ontológicas entre texto impresso e texto electrónico, as potencialidades hipertextuais sublinham o carácter material das interfaces num meio imaterial, bem como a substantividade da configuração da informação. Por outro lado, enfatizam as diferenças ontológicas entre esses dois tipos de texto. Pode dizer-se que o texto electrónico, cujo código é material, se caracteriza por uma imaterialidade ontológica. Isto porque, ao reportar-se sempre a uma dada sequência electronicamente armazenada que, por sua vez, se reporta sempre a uma mesma informação, o código fixa-a e localiza-a de uma dada forma. (LOURENÇO, 2009, p. 277, grifo do autor).

Interessa-nos pensar, em especial, o texto digitalizado e o procedimento crítico do pesquisador, por nossa própria práxis filológica com os textos teatrais censurados reunidos nos acervos que compõem o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC), fundo⁴ Textos Teatrais Censurados, vinculado ao Instituto de Letras da UFBA (TTC-ILUFBA). Nós transformamos o documento – antes, em suporte papel, circunscrito a determinados ambientes, leitores e modos de leitura –, em documento virtual, digitalizado, capturado através de fotografia ou de escanização. Além disso, muitas vezes,

4. Tomamos, neste trabalho, fundo de arquivo como “[...] o conjunto de documentos produzidos e/ou acumulados por determinada entidade pública ou privada, pessoa ou família, no exercício de suas funções e atividades, guardando entre si relações orgânicas, e que são preservados como prova ou testemunho legal e/ou cultural [...]” (BELLOTTO, 2006, p. 128).

trabalhamos no tratamento das imagens e na elaboração de documentos em formato de PDF (*Portable Document Format*), para fins de arquivamento, contribuindo para o processo de dispersão e de construção de sentidos dos mesmos, os quais podem ser, em outro momento, reimpressos.

Essa mudança tem afetado profundamente áreas do conhecimento e proporcionado a formação de novas vertentes de estudos e pesquisas no campo das Humanidades Digitais. Em 2010, diversos pesquisadores reuniram-se em Paris para *The Humanities and Technology Camp* (THATCamp)⁵, e, a partir de discussões e reflexões coletivas acerca do impacto da Informática às Humanidades e às Ciências Sociais, elaboraram um Manifesto, no qual definem o campo e apresentam algumas diretrizes, propagando o teor coletivo do trabalho, muitas vezes, desenvolvido por uma equipe multidisciplinar, no qual se busca desenvolver ferramentas e/ou programas computacionais. Nesse campo de estudo, aberto ao diálogo com outros saberes, incentiva-se a troca de práticas e de experiências entre pesquisadores, a fim de que as pesquisas e os estudos sejam sempre compartilhados e atualizados em prol do avanço do conhecimento científico (MANIFESTO, 2010).

Paixão de Sousa (2013), no âmbito da linguística computacional, adotando o texto como ponto de acesso para construção de *corpus* linguístico, afirma que “[o] recurso às técnicas computacionais tem [...], para a Filologia, o sentido de uma revolução metodológica e epistemológica” (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 136), uma vez que, por meio de programas digitais, o filólogo pode ler, editar e analisar textos, de forma rápida e dinâmica. Podemos apresentar, para um mesmo texto, diversas edições, “[...] camadas editoriais possíveis sobre um mesmo texto – um mesmo texto lógico, aberto a múltiplas possibilidades de representação [...]” (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 120), ofertando diferentes tipos de edição, dossiê arquivístico e/ou genético, composto por documentos relacionados aos textos editados, e estudos críticos.

O uso de programas eletrônicos em modelos editoriais permite relacionar textos diversos, remeter para páginas da internet, potencializar o processo de construção de sentidos quanto a um sujeito, uma produção, uma sociedade, um período. Nesse sentido, pesquisadores, desde a década de 1980, conforme afirma Urbina *et al.* (2008) e Paixão de Sousa (2013), têm criado projetos editoriais eletrônicos e programas computacionais aplicados à Filologia, buscando desenvolver edições e arquivos eletrônicos, além de bibliotecas digitais, junto a grupos de pesquisa, por meio de financiamento, e muitas vezes parcerias entre universidades, configurando um novo e promissor campo nos estudos filológicos, no âmbito da crítica textual contemporânea.

5. THATCamp é um espaço interdisciplinar de discussão, troca e produção entre pesquisadores das áreas de humanidades e de tecnologias. Esse encontro ocorreu em três momentos, em 2010, 2012 e 2015, todos em Paris. Cf. <http://thatcamp.org/about/>.

Nesse paradigma digital, “[...] a edição electrónica dá maior visibilidade a aspectos da materialidade genética e social dos textos, a idiossincrasias do autor que a edição impressa frequentemente tende a normalizar silenciosamente [...]” (LOURENÇO, 2009, p. 252), sendo o modelo mais adequado no que tange a estudos que defendem uma teoria social da edição, devido, sobretudo, à sua natureza hipertextual e hipermediática.

O uso do hipertexto permite ao editor apresentar e disponibilizar de modo dinâmico, relacional e descentralizado vasta gama documental, preservando-se a autoridade absoluta de todos os itens documentais (MCGANN, 1995). “La unidad central organizadora del hipertexto es el ‘enlace’ y su característica principal es la multilinealidad [...]”⁶ (URBINA *et al.*, 2005, p. 229), logo, todos os documentos, entrecruzados por meio de *hyperlinks*, são considerados “centros” e podem ser acessados e movidos pelos usuários.

O termo “hipertexto”, que não é uma novidade da linguagem computacional, foi cunhado por Theodor Holm Nelson, em 1964, quando o mesmo estava comprometido com o advento de uma nova prática de escrita e de leitura, com “[...] a way of grouping parallel documents and managing their visible interconnections”⁷ (PROJECT..., 2007, p. [1]). O referido filósofo é responsável pela idealização e criação do Project Xanadu⁸, uma interface de apresentação de hipertextos, na qual se buscou superar as limitações do suporte papel, apresentando textos paralelos, interconectados, a partir de telas interativas (PROJECT..., 2007).

É preciso ressaltar ainda a possibilidade de trabalharmos, em meio eletrônico, com documentos verbais, imagéticos e audiovisuais, o que potencializa a construção de sentidos, permitindo melhor elaboração, sobretudo, de edições de obras artísticas, como o teatro, uma vez que propicia a incorporação de material multimídia, importante para leitura e interpretação da arte. A edição eletrônica,

[...] [por] seu carácter hipermediático, reconceptualiza a noção de texto em que a dimensão verbal ocupa o lugar central na hierarquia bibliográfica, permitindo representar a dimensão visual da significação, proporcionando ligações a anotações, explicações, som, imagens, *video-clips* e suscitando novos géneros literários inscritos em formas de textualidade próprias da digitalidade (LOURENÇO, 2009, p. 252).

Nas edições “hiper”, “[...] geralmente[,] apresenta[m-se] mais de um tipo de edição convencional integradas a documentos [...] em formatos diversos, organizados con-

6. Tradução nossa: “A unidade central organizadora do hipertexto é o ‘enlace’ e sua principal característica é a multilinealidade [...]” (URBINA *et al.*, 2005, p. 229).

7. Tradução nossa: “[...] uma maneira de agrupar documentos paralelos e gerenciar suas interconexões visíveis” (PROJECT..., 2007, p. [1]).

8. Cf. Project Xanadu em <http://www.xanadu.com>.

forme critérios estabelecidos pelo editor. Trata-se, portanto, de uma edição híbrida [...]” (BARREIROS, 2014, p. 6), a partir da qual o filólogo-editor tem a “[...] capacidade de hacer evidente extensas relaciones textuales y de permitir a través de enlaces explícitos e implícitos nuevos análisis, lecturas y juicios editoriales”⁹ (URBINA *et al.*, 2005, p. 229).

Considerando o objeto de estudo e os propósitos editoriais, ao escolher o meio eletrônico, no qual o filólogo-editor pode atualizar os dados sempre que necessário e de forma otimizada graças a sua constituição aberta, diferente da prática editorial em suporte papel, os filólogos-editores, muitas vezes, tendem a optar pelo formato de arquivo. O arquivo eletrônico tem sido adotado por ser mais adequado à elaboração e à apresentação de textos críticos, à representação do processo de produção e de transmissão desses textos e à construção de enlaces entre diversos documentos, disponibilizados em rede. No século XXI, diferentes grupos de pesquisas, em centros e instituições acadêmicas, têm desenvolvido, ao longo de anos, arquivos eletrônicos, pensados como um programa, uma plataforma, uma base de dado, a fim de promover

[...] **hiperligações** a materiais contextuais situados no seu interior [do arquivo], mas também fora dele, mediante a inclusão de motores de busca; [...] **intertextualidade**, ou seja, a ligação a materiais pertencentes a outros gêneros e formas discursivas: comentários críticos, entrevistas, resenhas, cartas; [...] [e] **interatividade** com o material disponibilizado, isto é, a possibilidade da inclusão de notas, da impressão e citação de texto [...] (LOURENÇO, 2009, p. 306, grifo nosso).

Esses trabalhos, desenvolvidos cada um em determinado contexto de discussão e de enlace quanto aos meandros filológicos em tempos digitais, e adequados à situação textual em questão, são de suma importância para pensarmos o impacto das tecnologias da informação na prática editorial e o quanto temos avançado, nesse âmbito¹⁰. A partir, principalmente, dos trabalhos realizados no âmbito do Grupo de Edição e Estudo de Textos, parte integrante do *Nova Studia Philologica*, elegemos o meio eletrônico (ambiente, recursos e programas) para a elaboração de um arquivo eletrônico do dossiê da *Série de estudos cênicos sobre poder e espaço* (SECPE), explorando sua interface hipertextual e hipermídia na configuração de um projeto que permite representar, historiar e documentar parte da produção censurada e da atuação de Nivalda Costa no teatro baiano, nas décadas de 1970 e 1980, como dramaturga, diretora e intelectual, dentre outras funções desempenhadas pela artista.

9. Tradução nossa: “[...] capacidade de evidenciar relações textuais extensas e de permitir, através de ligações explícitas e implícitas, novas análises, leituras e julgamentos editoriais” (URBINA *et al.*, 2005, p. 229).

10. Para maiores informações sobre a prática editorial desenvolvida na Bahia com o uso de recursos e/ou programas eletrônicos, consultemos a tese de Barreiros (2013), Almeida (2014), Mota (2017), Correia (2018), Magalhães (2018), Fagundes (2019) e Souza (2019).

Colocamos em cena, em uma plataforma aberta, de forma dinâmica e interativa, documentos (da imprensa, da censura e do espetáculo pertencentes a seis textos teatrais que compõem a série¹¹, os quais podem ser consultados e comentados individualmente por meio de uma ferramenta de busca) e edições em diferentes níveis de leitura, para encenação, leitura silenciosa e/ou estudo crítico da dramaturgia e de Nivalda Costa: fac-similar digital (acompanhada de breve descrição e resumo), interpretativa, crítica e sinóptico-crítica, as três em formato hipermídia (construídas por meio de *hyperlinks*, com notas e comentários críticos, cruzando material multimídia, verbal, visual, sonoro, audiovisual), e textos críticos em formato de impressão.

Esclarecemos que não se trata de edições convencionais elaboradas em suporte papel e apresentadas em suporte digital ou de simples disponibilização de um conjunto de textos digitalizados, mas de edições que resultam de um fazer-pensar editorial desenvolvido em ambiente eletrônico. Embora usemos o conhecimento editorial aprendido no labor filológico com textos manuscritos e impressos, na perspectiva editorial contemporânea, o modo de elaboração, de funcionamento e de apresentação das edições, bem como o de acesso, são reconfigurados, o que requer do filólogo-editor conhecimento no âmbito das Humanidades Digitais, assim como a formação de grupos de pesquisa multidisciplinares.

Nesse sentido, em consonância com a noção de “arquivo hipertextual” apresentada por Urbina *et al.* (2005), elaboramos o Arquivo Hipertextual da SECPE, integrando edições e documentos. Esse formato possibilita ampliar e reconfigurar a rede de documentos (e suas relações internas, para documentos do próprio acervo, e externas, para páginas e sites da internet) de modo infinito, bem como promover atualizações nas edições. É nosso propósito, em outro momento, suplementar a plataforma com documentos referentes à produção intelectual de Nivalda Costa, dramaturgica, literária (contos, poemas e outros) e televisiva (relativo a projeto e roteiro), que corresponde ao período dos anos 1970 aos anos 2000.

11. Essa série, resultante de pesquisas, (re)leituras e experimentos, é constituída pelos textos *Aprender a nada-r* [1975, 9f. / 7f.], *Ciropédia ou A iniciação do príncipe*, *O pequeno príncipe* (1976, 13f. / 15f.), *Vegetal vigiado* [1977, 10f.; 1978, 16f.], *Anatomia das feras* [1978, 12f. / 11f.], *Glub! Estória de um espanto* [1979, 10f.] e *Casa de cães amestrados* [1980, 19f.], textos escritos (no e) para o palco como manifestos, por Nivalda Costa, que assumiu muitos papéis, principalmente, de dramaturga, diretora e intelectual, denunciando abusos de poder e incitando o público a buscar saídas, a transformar a realidade.

A construção do arquivo hipertextual da SECPE

A criação de um arquivo hipertextual de parte da dramaturgia censurada de Nivalda Costa resulta de um compromisso sócio-político, cultural e acadêmico de dar a conhecer, em rede, documentos-testemunhos da história do teatro baiano, por meio de programas computacionais aplicados à prática editorial e à crítica filológica, bem como de atos de construção e de interpretação desenvolvidos ao longo de anos. Nessa prática metodológica, é possível reconfigurar, em outro tempo e espaço, o texto teatral censurado, colocando em cena a história do texto e suas transformações, e, por conseguinte, a atuação de sujeitos, em uma leitura filológica construída na articulação entre documentos do dossiê e edições.

Nessa perspectiva, nós, equipe formada por duas filólogas, um analista de sistemas e uma *designer* gráfica, construímos o Arquivo Hipertextual do dossiê da SECPE, a partir, sobretudo, dos modelos apresentados por Almeida (2014), Mota (2017) e Correia (2018), fundamentados nos princípios definidos por Shillingsburg (1993) para a elaboração de edições eletrônicas, levando em conta recomendações¹² apresentadas por Barreiros (2018), que propõe uma ampliação de tais princípios, considerando o trabalho editorial com documentos de acervos literários.

Apresentamos as edições em um *Website*, no domínio <http://acervonivaldacosta.com>, que pode ser acessado em diferentes navegadores, *Google Chrome*, *Mozilla Firefox*, *Internet Explorer* e *Safari*, dentre os quais sugerimos, como principal, o primeiro. A disponibilização por meio da *Web* diminui as chances de incompatibilidade quanto a algum sistema operacional, por que permite que o usuário tenha acesso à edição independentemente do sistema operacional, do navegador e do aparelho (computador, *notebook*, *smartphone* e outros) utilizados.

Desde a capa (*Home*), cuidamos para construir uma interface dinâmica e atrativa composta por uma tela principal e duas secundárias, em tonalidade marrom, um castanho antigo, criadas por meio de documentos do Acervo Nivalda Costa. Trazemos uma barra de *menus*, localizada no ângulo superior da interface, com os seguintes itens: **Apresentação**, **A autora**, **O acervo**, **Consulta**, **Edições** e **Contato** (Cf. Figura 1).

12. Recomendações para a elaboração de edições digitais: “[...] a) apresentar informações sobre os procedimentos editoriais aplicados nas transcrições, no estabelecimento dos textos ou outras questões técnicas que sejam pertinentes; b) inserir ferramentas de busca que possam facilitar o acesso às informações; c) criar diferentes níveis de acesso, por meio da constituição de menus que permitam aos leitores estenderem suas leituras de acordo com interesses específicos; d) preservar, na medida do possível, os códigos linguísticos, bibliográficos, contextuais inerentes ao texto; e) cuidar para não cometer excesso, quanto à utilização de *hyperlinks* no interior dos textos; f) disponibilizar o texto editado numa versão em txt. para favorecer sua utilização em ferramentas computacionais para estudos linguísticos; g) desenvolver um plano de captura, tratamento e armazenamento das imagens, vídeo e som utilizados na edição. [...]” (BARREIROS, 2018, p. 292).

Figura 1 – Interface do *Arquivo Hipertextual Nivalda Costa: SECPE*



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

Buscamos tecer uma relação intrínseca entre as partes do arquivo, sobretudo entre as edições e os documentos, recorrendo ao uso de *links* para remissões internas e externas ao arquivo. Disponibilizamos, desde a apresentação, informações por meio do cruzamento de textos, em perspectiva intertextual, dialógica e polifônica, que auxiliam na contextualização e na leitura da dramaturgia. Essa forma de orientação tem impacto na interatividade, na recepção por parte dos usuários, para os quais criamos um espaço reservado, uma “área social” (LUCÍA MEGÍAS, 2008), em que podem ser feitos quaisquer tipos de comentários acerca do arquivo hipertextual ou do trabalho com textos teatrais censurados, local para troca entre editor e usuários.

Relacionada a essa questão, Shillingsburg (1993) apresenta uma sugestão quanto à intermediação e à possibilidade de impressão por parte dos usuários, todavia, o próprio autor faz uma ressalva no que tange aos direitos autorais. No nosso caso, temos autorização de Nivalda Costa quanto aos textos teatrais da *SECPE*, para fins de reprodução e de estudos acadêmicos e científicos. Esclarecemos, contudo, que, inicialmente, o acesso às edições e ao acervo será restrito aos usuários cadastrados, os quais poderão consultar todos os *menus* e fazer comentários. Para esses usuários, que precisarão, antes, entrar em contato conosco por *e-mail* solicitando acesso ao sistema, serão criados *login* e senha para registro dos mesmos.

Realizado o registro, com *login* e senha pré-definidos, o usuário é direcionado para outra página, a fim de realizar cadastro, na qual deve informar seu nome e *e-mail*. Após salvar os dados informados, os usuários são encaminhados para a página principal do site, em que poderão acessar livremente todo o conteúdo, conhecer as partes do arquivo, consultar documentos e edições. Cadastrado, assim, o usuário pode percorrer

por todo o nosso arquivo hipertextual, traçando seus caminhos e realizando suas leituras. Esse recurso auxilia quanto à segurança e à proteção da produção intelectual disponibilizada por nós no arquivo hipertextual.

Em **Apresentação**, orientamos o usuário em relação ao projeto de pesquisa, às partes do arquivo hipertextual e ao funcionamento do site. Em **A autora**, situamos o usuário sobre a trajetória e a produção intelectual de Nivalda Costa, sobretudo na década de 1970. Em uma perspectiva histórica e política, tecemos uma crítica filológica dos/e nos documentos, para construir um conhecimento a respeito dessa intelectual negra engajada, estrategicamente marginal, que se transveste muitas vezes em dramaturga-diretora ou diretora-dramaturga, substancialmente, criativa e ousada, considerando, ainda, a figura da pesquisadora ativa e inquieta, que atravessa e suplementa as outras. Com o recurso *collapse, plugin JavaScript*, usado para ocultar informações longas, organizamos o texto, possibilitando ao usuário expandir ou encurtar as áreas conforme seu interesse. Esse texto é entremeado por *links* nos quais remetemos ora para documentos do dossiê ora para *sites* e páginas da internet, buscando dar a conhecer a artista multifacetada.

Em **O acervo**, no qual damos a conhecer o dossiê da *SECPE*, encaminhamos o usuário para **subdossiês**, correspondentes aos seis textos teatrais que compõem a *Série*, e para **inventário**, em que identificamos todos os documentos do ANC, reunidos até o momento de feitura da tese. Essa parte, “O Acervo”, está diretamente articulada às demais, “A artista”, “Edições” e “Consulta”.

O dossiê arquivístico da *SECPE* foi elaborado a partir da organização do ANC, da sistematização dos documentos digitalizados que o compõem, de acordo com a metodologia construída pela ETTC para organização dos acervos pertencentes ao ATTC. Ressaltamos que as reproduções digitais dos duzentos e setenta e dois documentos desse dossiê foram realizadas por membros da ETTC em diferentes momentos da pesquisa, de 2007 a 2018. As imagens foram capturadas com o uso de máquina fotográfica digital, marca Sony, modelo *Alpha SLT-A35*, 16.2 MP e marca Kodak, modelo *EasyShare C182*, 12 MP, e aparelho *Smartphone Galaxy J7*, 13 MP.

Em **subdossiês**, o usuário é direcionado para outra página, na qual constam informações sobre os dossiês *Anatomia das feras*, *Aprender a nada-r*, *Casa de cães amestrados*, *Ciropédia ou A iniciação do príncipe*, *O pequeno príncipe*, *Glub! Estória de um espanto*, *Vegetal vigiado*, assim como sobre os documentos que os integram. Nesse espaço, indicamos ao usuário ainda a possibilidade de consultar todos os documentos, individualmente, informando-o quanto ao item **Consulta**.

Por meio de um **quadro-inventário**, disponibilizamos, de forma sistemática, informações quanto aos documentos do ANC (textos teatrais, poemas, contos e texto de apresentação, projetos televisivos, depoimentos (entrevistas)), indicando quantidade,

referência e código de arquivamento, em arquivo PDF, passível de impressão. O conhecimento desse documento permite ao usuário ler o dossiê da *SECPE* no ANC, melhor compreendendo a produção intelectual em estudo, assim como algumas questões quanto à codificação realizada.

Em **Consulta**, direcionamos o usuário ao Sistema Informatizado de Gerenciamento de Documentos (SIGD), modelo adotado por Mota (2017), elaborado a partir de atividades prévias de captura, classificação, descrição e indexação, além de armazenamento, no sistema, dos documentos digitalizados. Integramos ao nosso arquivo o SIGD por acreditarmos ser uma valiosa ferramenta de busca que pode ser usada para consulta de cada item documental do dossiê da SECPE.

Essa pesquisa pode ser mediada por seleção prévia do editor, caso o usuário escolha consultar os documentos que aparecem na parte inferior da página, em formato de *gride* (grade), em Itens Cadastrados, com acesso à lista completa dos documentos indexados, ou por filtro, segundo metadados associados aos documentos, por meio dos campos “Nome do documento”, “Autor”, “Série” (que ao ser selecionado, dá acesso ao campo “Subsérie”), “Procedência” e/ou “Dossiê”. Ao clicar na opção “Abrir”, o usuário visualiza o documento em arquivo PDF, e, na parte inferior desta página, pode inserir comentários sobre o mesmo (Cf. Figura 2).

Figura 2 – Interface de busca do SIGD-SECPE

Dossiê	Nome do Documento	Autor(es)	Procedência	Série	Sub-série	Opções
Anatomia das feras	Texto Teatral T2	Nivalda Costa	NAEXB	Produção Intelectual	Texto teatral	Abrir
Anatomia das feras	Texto Teatral T3	Nivalda Costa	COREG-ANDF(DCCP)	Produção Intelectual	Texto teatral	Abrir

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

Em **Edições**, temos informações sobre a *SECPE*, os textos teatrais, as edições e os critérios de elaboração e de apresentação, bem como ofertamos as edições realizadas, a saber, edição fac-similar digital de todos os testemunhos dos seis textos, edição interpretativa de *Glub! Estória de um espanto*, edição crítica de *Aprender a nada-r* e edição sinóptico-crítica de *Vegetal vigiado*, todas em formato hipermídia. Apresentamos

ainda os textos críticos, em formato de impressão, quanto a *Glub! Estória de um espanto*, *Aprender a nada-r*, *Anatomia das feras* e *Vegetal vigiado*, para que o usuário tenha outra possibilidade de leitura, atendendo, por conseguinte, a um dos princípios sugeridos por Shillingsburg (1993), o da *printability*. Para o acesso, o usuário deve posicionar o cursor sobre o texto que deseja ler e escolher a edição a visualizar.

Apresentamos edições fac-similar, interpretativa, crítica e sinóptico-crítica, destinadas a um público heterogêneo, formado tanto por especialistas, do campo do teatro, da história e das letras, principalmente, quanto por pessoas comuns, interessadas na produção teatral de Nivalda Costa. Nesse sentido, elaboramos, estrategicamente, alguns modelos editoriais, a fim de propiciar diferentes orientações/modos de leitura e, por conseguinte, potencializar as possibilidades de estudos críticos dos textos.

Em **Contato**, criamos um espaço específico para a troca entre editor e usuários. Na cultura digital, a produção de conhecimento dá-se no processo de interação, de diálogo, e, por isso, esse espaço, primordial para comentários, dúvidas e/ou críticas, tem sido contemplado nos diferentes arquivos eletrônicos.

Nosso sistema foi elaborado a partir de ambiente, programas e plataformas de desenvolvimento da *Microsoft*, gratuitos, sendo composto de um *front-end* e de um *back-end*. Usamos *Hypertext Markup Language 5* (HTML5), JavaScript e *Cascading Style Sheets* (CSS) e linguagens de programação *open source*. O *back-end* foi desenvolvido em *C#*, uma das linguagens que incorpora o *.Net, framework*, e para armazenamento dos dados foi usado *Microsoft SQL Server*. O sistema foi hospedado na *GoDad*, plataforma de hospedagem paga, com sede nos Estados Unidos.

Por meio desta plataforma apresentamos diferentes orientações de leitura dos textos teatrais da *SECPE*, testemunhos da história sócio-política e artística do país, indo ao encontro da proposta do Instituto Nacional de Artes Cênicas (INACEN), órgão do Ministério da Cultura que se ocupou do preparo de edições nas áreas da Dramaturgia Brasileira e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, publicando a coleção *Clássicos do Teatro Brasileiro* (MARINHO, 1986). Na Bahia, segundo Santos (2008), a Secretaria de Cultura e Turismo e a UFBA são responsáveis pelo fomento à produção bibliográfica na área teatral, em regime de cooperação mútua e de parceria com organizações profissionais da área, como o Teatro Vila Velha e o Teatro XVIII. Há ainda a coleção selo *Dramaturgia da Bahia*, que, desde 2003, tem publicado obras teatrais de diferentes dramaturgos baianos.

Além disso, colocamos em cena, por meio dos documentos, vestígios da atuação de uma mulher e, conseqüentemente, de um grupo de teatro, bem como de manifestações socioculturais ocorridas em tempos de ditadura militar, criando espaços de visibilidade e de audibilidade, oferecendo subsídios para (re)construir a memória do teatro baiano, muitas vezes, desconhecido ou ignorado nas discussões sobre o Teatro Brasileiro.

Em particular, podemos provocar, como efeito, um descentramento do cânone no que tange à dramaturgia de autoria feminina, da segunda metade do século XX, ao ressaltar parte da produção intelectual e a atuação de uma mulher negra que desempenhou papel significativo no teatro, na literatura e na televisão, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, na Bahia, contudo, por diferentes motivos, sobretudo por preconceito, muitas vezes, teve (e tem) seu nome ocultado, diferentemente de outras artistas que, de alguma maneira, são (re)conhecidas na sociedade baiana e têm seus nomes registrados em estudos, pesquisas e mapeamentos realizados no estado.

Considerações finais

Mostramos, através do trabalho filológico realizado, como a era da informática e suas práticas nos permitiu refletir sobre as novas modalidades textuais e suas formas de transmissão, configurando, assim, novos modelos de edição hipertextuais e/ou hipermídias, que se apresentam em um arquivo eletrônico hipertextual, no terreno da filologia editorial que se ocupa da publicação de textos e obras, introduzindo-os em um novo circuito de leitura, em um espaço dialógico, não linear e multimodal, promovendo a interação entre autor, editor e leitor (navegador) e fazendo da edição eletrônica um espaço de conhecimento.

Interagimos com o público-leitor oferecendo os documentos em fac-símiles, com suas especificidades, os textos editados, tanto em formato de impressão como formato hipertextual/hipermídia, estabelecendo *links* que remetem para informações várias relativas às modificações textuais, autorais, de caráter enciclopédico ou de outra natureza, fazendo interconexões entre textos, imagens, vídeos, que se liguem aos textos editados em suportes informáticos ou na *Web*.

Devemos ressaltar ainda que uma empresa como esta resulta de um trabalho de equipe, pois se faz necessário o conhecimento de especialistas de outras áreas de investigação para o preparo de um arquivo eletrônico no qual disponibilizamos dossiês e edições dos autores e suas produções, evidenciando o compromisso social e político do filólogo-editor na transmissão dos textos e no processo de construção de uma literatura nacional.

Referências

ALMEIDA, Isabela Santos de. *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna*. Orientadora: Rosa Borges. 2014. 321 f. 2 v. (um volume em site). Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27557>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BARREIROS, Patrício Nunes. Princípios e critérios para edições digitais de documentos de acervos literários. In: ALMEIDA, Isabela Santos de; BARREIROS, Patrício Nunes; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). *Filologia e humanidades digitais*. Feira de Santana: EDUEFS, 2018. p. 281-317.

BARREIROS, Patrício Nunes. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. *Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas*, v. 2, 2014. p. 20-33. Disponível em: <<https://eulaliomotta.files.wordpress.com>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça*: edição dos panfletos de Eulálio Motta. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes*: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CERQUIGLINI, B. *Une nouvelle philologie?*. 2000. Disponível em: <<http://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

CHARTIER, Roger. Morte ou transfiguração do leitor? In: _____. *Os Desafios da escrita*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora da UNESP, 2002. p. 101-123.

CIRILLO, José. Acervos digitais e crítica genética: ferramentas para as memórias de uma escritura digital. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012. p. 147-160.

CORREIA, Fabiana Prudente. *Filologia e Humanidades digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde*: acervo e edição de *Os desimbidos*. Orientadora: Rosa Borges. 348 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FAGUNDES, Carla Cecé Rocha. *Deolindo Checcucci e o teatro infantil baiano no contexto da ditadura militar*: arquivo, edição e estudo crítico-filológico. Orientadora: Rosa Borges. 307 f. + volume digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

LOURENÇO, Isabel Maria Graça. *The William Blake Archive*: da gravura iluminada à edição eletrônica. 2009. 490f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. La informática humanística: una puerta abierta para los estudios medievales en el siglo XXI. *Revista de Poética medieval*, Madrid, n. 20, p. 163-185, 2008. Disponível em: <<https://eprints.ucm.es/8942/1/05--.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

MAGALHÃES, Livia Borges Souza. *Papéis que narram*: os documentos do Mosteiro de São Bento da Bahia contam a história da instituição. 2018. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MANIFESTO for the digital humanities. 2010. Disponível em: <<http://tcp.hypotheses.org>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

MARINHO, Teresinha. Preparo de edições fidedignas nas áreas da dramaturgia brasileira e do patrimônio histórico e artístico nacional. In: ENCONTRO DE CRÍTICA TEXTUAL: O MANUSCRITO MODERNO E AS EDIÇÕES, 1., 1986, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo, FFCH da USP, 16 a 20 de setembro de 1985. Publicação em 1986. p. 175-292.

MCGANN, Jerome J. *The rationale of HyperText*. 1995. Disponível em: <<http://www2.iath.virginia.edu/public/jjm2f/rationale.html>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MOTA, Mabel Meira. *Filologia e Arquivística em tempos digitais*: o arquivo hipertextual e as edições filológicas de A Escolha ou o Desembestado de Ariovaldo Matos. Orientadora: Rosa Borges. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. A Filologia Digital em língua Portuguesa: alguns caminhos. In: GONÇALVES, Maria Filomena (dir.). *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: Publicações do Cidehus, 2013. p. 113-138. Disponível em: <<http://books.openedition.org/cidehus/1073>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

PROJECT Xanadu. 2007. Disponível em: <<http://xanadu.com>>. Acesso em 29. jun. 2018.

SHILLINGSBURG, P. *General Principles for Electronic Scholarly Editions*. 1993. Disponível em: <<http://sunsite.berkeley.edu/MLA/principles.html>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

SANTOS, Rosa Borges dos. Uma metodologia aplicada à edição de textos teatrais. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008. 1 CD-ROM. p. 2663-2670.

SOUZA, Débora de. *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço, de Nivalda Costa: arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico*. Orientadora: Rosa Borges. 2019. 449f + volume digital. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

URBINA, Eduardo *et al.* *Edición variorum eletrónica del Quijote*. 2008. Disponível em: <<http://cervantes.tamu.edu/V2/variorum/index.htm>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

URBINA, Eduardo *et al.* Humanidades digitales, crítica textual y la edición variorum electrónica del Quijote (EVE DQ). AISPI. *Actas XXIII* (2005)... p. 223-235. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/21/I_20.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2018.